

O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN

O CÓDIGO DA VINCI
(EDIÇÃO JUVENIL)

Tradução de
MÁRIO DIAS CORREIA

Adaptação de
SUSANA RAMOS E CARLA MENDONÇA/JOÃO QUINA EDIÇÕES



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2016

Caro Leitor,

Sempre gostei de segredos e códigos.

Acontece algo de mágico quando subitamente descobrimos o que estava escondido... mesmo diante dos nossos olhos.

Quando tinha dez anos, deparei-me pela primeira vez com um código — uma série de símbolos estranhos rabiscados num pedaço de papel pendurado na nossa árvore de natal. Quando finalmente decifrei os símbolos, descobri que a mensagem era dos meus pais anunciando que partiríamos dentro em breve para uma viagem surpresa de família.

Desde essa manhã que me sinto fascinado pelos códigos — mensagens secretas que têm de ser desvendadas antes de serem compreendidas. Dediquei a minha vida a explorar o mundo críptico e, há alguns anos, essa viagem fez com que me deparasse com o código mais misterioso que alguma vez encontrara.

Tratava-se de um código antigo... e enigmático. E, melhor que isso, estava escondido, diante dos nossos olhos, à vista de todos, para o mundo inteiro poder ver.

Segundo a lenda, esse código protegia um segredo espantoso. Alguns defendiam que o segredo era de tal forma surpreendente que, ao conhecê-lo, nunca mais seria possível ver o mundo do mesmo modo. Outros defendiam que era apenas de um mito... nada mais que sussurros vãos na bruma.

De qualquer modo, este livro conta a história de um homem e de uma mulher numa busca para decifrar esse código e revelar os mistérios que encerra. Quer acredite, ou não, nos segredos que está prestes a descobrir, espero que a sua viagem o inspire a continuar a procurar a sua própria verdade, seja ela qual for.

Com sinceridade,
Dan Brown

FACTO:

O Priorado de Sião — uma sociedade secreta europeia fundada em 1099 — é uma organização real. Em 1975, a Bibliothèque National de Paris descobriu um conjunto de pergaminhos, conhecidos como *Les Dossiers Secrets*, que identificam numerosos membros do Priorado de Sião, incluindo o cientista Sir Isaac Newton, o artista e escultor Sandro Botticelli, o escritor Victor Hugo e o artista e inventor Leonardo da Vinci.

A Opus Dei, seita católica envolvida em controvérsias recentes devido a acusações de lavagem de cérebro, coerção e práticas extremas. Construiu em Nova Iorque uma sede nacional que custou 47 milhões de dólares.

Todas as descrições de obras de arte, edifícios, documentos e rituais secretos que aparecem neste romance são exatas.

PRÓLOGO

MUSEU DO LOUVRE, PARIS

22H46

Jacques Saunière, o conceituado conservador, atravessou a cambalear o arco abobadado da Grande Galeria. Estendeu as mãos para o quadro mais próximo, um Caravaggio. Agarrando a moldura de madeira dourada, puxou-a para si até arrancá-la da parede, e então caiu de costas, enrodilhado debaixo da grande tela.

Como sabia que aconteceria, uma pesada grade de ferro desceu com estrépito ali perto, selando a entrada da galeria. O soa-lho de madeira estremeceu. Muito ao longe, um alarme come-çou a tocar.

O conservador permaneceu estendido, a tentar recuperar o fôlego, avaliando a situação. *Ainda estou vivo*, pensou. Saiu a rastejar de debaixo da tela e olhou em redor, procurando no cavernoso espaço um lugar onde se esconder.

— Não se mexa — disse uma voz, arrepiantemente próxima.

De gatas no chão, o conservador imobilizou-se, voltando lentamente a cabeça.

A pouco mais de quatro metros e meio de distância, do ou-tro lado da grade descida, a agigantada silhueta do seu atacante vigiava-o através das barras de ferro. Era alto e largo, com uma pele espectralmente pálida e ralos cabelos brancos. As íris dos olhos eram rosadas, com pupilas de um vermelho-escuro. O al-bino tirou uma pistola do casaco e apontou-a diretamente ao conservador.

— Não devia ter fugido. — O sotaque não era fácil de iden-tificar. — Agora diga-me onde é que está.

— Já... já lhe disse — gaguejou Saunière. — Não faço ideia do que está a falar!

— Mente. — O homem estava a olhar para ele, e a única coisa que se distinguia na grande sombra densa e imóvel era o brilho dos olhos fantasmagóricos. — Você e os seus irmãos possuem algo que não vos pertence. Diga-me onde está escondido e viverá. — O homem apontou a arma à cabeça do conservador. — É um segredo pelo qual esteja disposto a morrer?

Saunière não conseguia respirar.

O homem inclinou a cabeça, olhando para o tambor da arma.

Saunière levantou as mãos no ar num gesto defensivo.

— Espere — disse, lentamente. — Vou dizer-lhe o que quer saber. — Pronunciou as palavras seguintes com muito cuidado. Tinha ensaiado aquela mentira vezes sem conta...

Quando o conservador acabou de falar, o homem sorriu, satisfeito.

— Sim, é exatamente o que os outros me disseram.

Saunière encolheu-se. *Os outros?*

— Encontrei-os também — informou o homem, num tom sarcástico. — Aos três. Confirmaram o que acaba de dizer.

Não pode ser! A verdadeira identidade do conservador, bem como as dos três senescais, era quase tão sagrada como o antigo segredo que protegiam. Saunière compreendeu que os colegas tinham, de acordo com a regra estritamente ordenada, contado a mesma mentira antes de morrerem.

O homem voltou a apontar a arma.

— Depois de o matar, serei eu o único a conhecer a verdade.

A verdade. Numa fração de segundo, Saunière apercebeu-se do verdadeiro horror da situação. *Se eu morrer, a verdade perder-se-á para sempre.* Tentou encontrar um refúgio.

A arma explodiu, e o conservador sentiu como se um ferro em brasa lhe trespassasse o ventre quando o projétil se lhe alojou no estômago. Caiu para a frente, lutando contra a dor. Lentamente, rolou sobre si mesmo e olhou através das grades para o seu assassino.

O homem estava agora a apontar-lhe à cabeça.

Saunière fechou os olhos, com os pensamentos a rodopiarem num turbilhão de medo e tristeza.

O clique do percutor a bater numa câmara vazia ecoou no corredor.

O conservador abriu rapidamente os olhos.

O homem olhou para a arma, parecendo quase divertido. Procurou no bolso um segundo carregador, mas então como que reconsiderou, sorrindo calmamente à figura ensanguentada de Saunière.

O conservador olhou para baixo e viu o orifício da bala na sua camisa branca de linho. Tinha um círculo de sangue poucos centímetros abaixo do esterno. *O meu estômago.* Pela sua experiência em circunstâncias de guerra, sabia que lhe restavam uns meros quinze minutos de vida.

— O meu trabalho aqui está feito — disse o homem. E desapareceu.

Sozinho, Saunière olhou de novo para a grade de ferro. As portas só voltariam a abrir-se dentro de, pelo menos, vinte minutos. Quando alguém conseguisse chegar junto dele, já estaria morto. Ainda assim, o medo que o assolava era bem maior que o medo da sua própria morte.

Tenho de transmitir o segredo. Procurou reunir forças para se tentar levantar.

Levantou-se, cambaleante, e imaginou os três companheiros assassinados. Pensou nas gerações que os tinham precedido... na missão que a todos eles fora confiada.

Uma cadeia ininterrupta de conhecimento.

Agora, subitamente, a despeito de todas as precauções... a despeito de todas as medidas de segurança... Jacques Saunière era o único elo que restava, o único guardião dos mais formidáveis segredos alguma vez guardados.

A tremer, pôs-se de pé.

Tenho de encontrar uma maneira...

Estava trancado dentro da Grande Galeria, e havia apenas uma pessoa a quem podia passar a tocha. Saunière estudou as paredes da sua opulenta prisão. Uma coleção dos quadros mais famosos do mundo parecia sorrir-lhe, como um grupo de velhos amigos.

Com o rosto contraído pela dor, Saunière reuniu todas as suas faculdades e forças. A tarefa desesperada que tinha pela frente, bem o sabia, ia exigir cada segundo de vida que lhe restava.

CAPÍTULO

1

Robert Langdon acordou lentamente.

Algueres na escuridão, tocava a campainha de um telefone — um som fraco, inusitado. Procurou às apalpadelas o candeeiro da mesa de cabeceira e acendeu-o. Examinando de olhos piscos o ambiente que o rodeava, viu um luxuoso quarto com mobiliário Luís XVI, frescos pintados à mão nas paredes e uma colossal cama de mogno de quatro colunas.

Onde estou?

O roupão de banho pendurado numa das colunas da cama tinha bordadas as palavras: HOTEL RITZ PARIS.

Pouco a pouco, o nevoeiro começou a dissipar-se. Sentando-se, fixou o olhar cansado no espelho que cobria a parede em frente. O homem que lhe devolvia o olhar era um estranho — desgrenhado e exaurido, os seus olhos azuis, normalmente penetrantes, estavam enevoados e vagos. Uma barba escura por fazer cobria o seu forte maxilar e em redor das têmporas as madeixas prateadas infiltravam-se na densa mata de cabelos pretos.

Langdon pegou no auscultador.

— Sim?

— *Monsieur* Langdon? — perguntou uma voz de homem. — Espero não o ter acordado...

Confuso, Langdon olhou para o relógio da mesa de cabeceira: marcava meia-noite e trinta e dois. Tinha dormido apenas uma hora, mas sentia-se mais morto do que vivo.

— Fala o *concierge, monsieur*. Peço desculpa pela intrusão, mas tem uma visita. Diz que o assunto é urgente.

Langdon não estava ainda bem acordado. *Uma visita?* Focou os olhos no pequeno panfleto que deixara amarrotado em cima da mesa de cabeceira.

A UNIVERSIDADE AMERICANA DE PARIS
orgulha-se de apresentar
UM SERÃO COM ROBERT LANGDON
PROFESSOR DE SIMBOLOGIA RELIGIOSA,
UNIVERSIDADE DE HARVARD

Langdon gemeu. Os seus livros sobre pintura e simbologia religiosa tinham-no tornado numa relutante celebridade do mundo das artes e a palestra daquela noite — com projeção de diapositivos sobre o simbolismo pagão escondido nas pedras da Catedral de Chartres — tinha muito provavelmente erigido o pelo a alguns dos membros mais conservadores do público. Quase de certeza, um qualquer erudito religioso seguira-o até ao hotel disposto a dar-lhe luta.

— Lamento — disse —, mas estou muito cansado, e...

— Mas, *monsieur* — insistiu o rececionista, baixando a voz até um murmúrio carregado de urgência. — Trata-se de um homem importante. Dirige-se, neste momento, ao seu quarto.

Langdon sentia-se, nesse momento, bem acordado.

— Mandou alguém ao meu quarto?

— Peço desculpa, *monsieur*, mas um homem como ele... Creio não ter a autoridade para o impedir.

— Quem é ele, exatamente?

Mas o *concierge* já tinha desligado.

Quase no mesmo instante, um punho pesado bateu à porta do quarto.

Langdon deslizou para fora da cama e sentiu os dedos dos pés afundarem-se na espessa alcatifa. Enfiou o roupão do hotel e aproximou-se da porta.

— Quem é?

— Senhor Langdon? Preciso de ter uma conversa consigo. — O homem falava inglês com um sotaque cerrado, numa voz seca, autoritária. — Sou o tenente Jérôme Collet. Direction Centrale Police Judiciaire.

Langdon fez uma pausa. *A Polícia Judiciária?* Porque haveria a DCPJ, a análoga francesa do FBI norte-americano, de querer falar com ele?

Sem tirar a corrente de segurança, entreabriu a porta alguns centímetros. O rosto que o encarou do outro lado era magro e tinha um ar desgastado. O homem, esguio, vestia um uniforme azul.

— Posso entrar? — perguntou.

Langdon hesitou, sentindo-se inseguro.

— Que se passa?

— O meu *capitaine* pede a sua colaboração numa questão privada.

— A estas horas? — conseguiu Langdon dizer. — Passa da meia-noite.

— Tinha encontro marcado com o conservador do Louvre esta noite, não é verdade?

Langdon sentiu uma repentina vaga de inquietação. Ele e o respeitado conservador Jacques Saunière tinham combinado encontrarem-se para uma bebida depois da conferência daquela noite, mas Saunière não chegara a aparecer.

— Sim, é verdade. Como sabe?

— Encontrámos o seu nome na agenda dele.

— Espero que esteja tudo bem.

O polícia deixou escapar um suspiro de cansaço e enfiou uma foto *Polaroid* pela estreita abertura da porta.

Quando Langdon viu a foto, o corpo pôs-se-lhe rígido.

— Esta fotografia foi tirada há menos de uma hora. No interior do Louvre.

Enquanto continuava a olhar para a estranha imagem, Langdon sentiu a repulsa e o choque iniciais darem lugar a uma explosão de ira.

— Esperávamos que pudesse ajudar-nos a descobrir o que aconteceu, considerando os seus conhecimentos de simbologia e os seus planos para se encontrar com *monsieur* Saunière.

Langdon olhava para a foto, com um horror a que começava a misturar-se o medo.

— Este símbolo aqui — começou por dizer —, e o modo como o corpo está tão estranhamente...

— Posicionado? — sugeriu o polícia.

Langdon assentiu, sentindo um arrepio gelado ao erguer os olhos.

— Não consigo imaginar alguém capaz de fazer isto a uma pessoa.

O rosto do polícia pareceu tornar-se ainda mais sombrio.

— Não está a compreender, senhor Langdon. Aquilo que vê nessa fotografia... — Fez uma pausa. — Foi *monsieur* Saunière que o fez a si mesmo.

CAPÍTULO

2

A quilómetro e meio dali, Silas, o corpulento albino, atravessou a coxear o portão de uma luxuosa mansão na Rue La Bruyère. Usava uma corrente com espigões em torno da coxa — um cilício. Todos os verdadeiros seguidores do Caminho usavam aquele artefacto — uma faixa de couro, cravejada de espigões de metal afiados que provocavam a dor — numa constante recordação do sofrimento de Cristo na cruz. A alma dele cantava de satisfação por servir o Senhor.

Silas atravessou o vestíbulo e subiu silenciosamente as escadas, para não acordar ninguém. A porta do quarto estava aberta; as fechaduras eram proibidas naquela casa. Entrou, fechando-a atrás de si.

O quarto era espartano: soalho de madeira, uma cómoda de pinho, num canto uma lona estendida que lhe servia de cama. Estava ali de visita, naquela semana, mas havia já muitos anos que, pela graça de Deus, dispunha de um santuário semelhante em Nova Iorque.

O Senhor proporcionou-me abrigo e um objetivo na vida.

Naquela noite, Silas sentia que começara, por fim, a pagar a sua dívida. Dirigindo-se rapidamente à cómoda, pegou no telemóvel que deixara escondido na última gaveta e fez uma chamada.

— Sim? — disse uma voz de homem.

— Voltei, *Professor*.

— Fala — ordenou a voz, com uma nota de satisfação.

— Estão todos mortos. Os três senescais.... e o próprio Grão-Mestre.

Houve uma pausa momentânea, como que para uma curta prece.

— Assumo, portanto, que tens a informação, certo?

— Todos disseram o mesmo. Independentemente. — Silas fez uma pausa. Sabia que a informação que extorquirá às suas vítimas ia constituir uma surpresa. — *Professor*, todos eles confirmaram a existência da *Clef de Voûte...* a lendária *Chave de Abóbada*.

Ouviu o som de uma inspiração rápida e superficial, e sentiu a excitação do *Professor*.

— A *Chave de Abóbada...*

De acordo com a lenda, a irmandade concebera um mapa de pedra — uma *Clef de Voûte...* ou Chave de Abóbada —, uma placa gravada que revelava o esconderijo do grande segredo da irmandade: um segredo tão poderoso que a sua proteção era a razão da existência da própria irmandade.

— Quando tivermos a Chave de Abóbada em nosso poder — disse o *Professor* —, estaremos apenas a um passo de distância.

— Estamos mais perto do que julga. A Chave de Abóbada encontra-se aqui, em Paris.

— Em Paris? Incrível. É quase demasiado fácil.

Silas relatou os acontecimentos da noite: como todas as suas quatro vítimas, momentos antes de morrerem, tinham dito exatamente a mesma coisa — que a Chave de Abóbada estava engenhosamente escondida num determinado local no interior de uma das velhas igrejas de Paris: Saint-Sulpice.

— Dentro da casa do Senhor! — exclamou o *Professor*. — Como escarnecem de nós!

— Como fizeram durante séculos...

O *Professor* calou-se, como que a deixar assentar na alma o triunfo daquele momento. Finalmente, disse:

— Prestaste um grande serviço a Deus. Há centenas de anos que esperávamos por isto. Tens de recuperar a pedra. Imediatamente. Esta noite.

E o *Professor* explicou o que tinha de ser feito.

Quando desligou o telefone, Silas sentiu na pele um formiguelo de antecipação. *Uma hora*, disse para si mesmo, grato por o *Professor* lhe ter dado tempo para cumprir a necessária penitência antes de entrar na casa de Deus. *Tenho de purgar a minha alma dos pecados de hoje.*

Abençoada seja a dor, murmurou.